

ERVAS DANINHAS DA IRA

Por razões que explicarei em breve, precisamos analisar mais profundamente a ira e os seus resultados turbulentos. É normal pensarmos na ira tendo em vista alguns episódios. Ficamos com ira, e depois nos acalmamos. Às vezes pedimos desculpas à pessoa com que nos enfurecemos, e outras vezes deixamos “passar batido”. Mas, de algum modo, a outra pessoa, com ou sem pedido de desculpas, supera a postura defensiva — seja ela uma contestação furiosa ou um ressentimento guardado na alma — e a vida continua. O relacionamento foi arranhado, mas não desfeito. Não é um jeito fantástico de viver com alguém, contudo é tolerável. Essa parece ser a maneira de muitos cristãos enxergarem o pecado da ira. Aceitam-na como parte da vida.

No entanto, a Bíblia não é tão complacente com a ira. Pelo contrário, manda que seja eliminada de nossa vida (Ef 4.31; Cl 3.8). Se você examinar esses versículos, descobrirá que, em cada um deles, a ira está associada a pecados horríveis como amargura, reclamação, calúnia, maldade e conversa obscena. Também está incluída na lista de pecados repugnantes de 2Coríntios 12.20. É óbvio que a ira não anda bem acompanhada e normalmente se associa ao que consideraríamos pecados sérios, podendo até mesmo nos fazer cair em alguns deles.

Mas como entender o versículo que diz: “Irai-vos e não pequeis; não se ponha o sol sobre a vossa ira” (Ef 4.26)? Paulo não está dando permissão para sentirmos ira, e muito menos nos mandando ficar com ira, como o modo imperativo do verbo pode sugerir. Sabendo que sentimos ira, Paulo está nos ensinando a lidar com ela. Basicamente está dizendo: “Não se agarre à ira. Livre-se dela o mais rápido possível”. Este é o motivo do esclarecimento: “Não se ponha o sol sobre a vossa ira”.

Temos uma expressão que aconselha: “Corte o mal pela raiz”. É isso o que Paulo nos manda fazer. Lide com sua ira imediatamente, mas, acima de tudo, não vá dormir cheio de ira. Na melhor das hipóteses, ira é pecado; na pior das hipóteses, ela dá origem a pecados mais sérios.

Neste tópico, analisaremos alguns resultados de longo prazo causados pela ira; é o que chamo de “ervas daninhas da ira”. Escolhi esse título porque erva daninha não é uma planta que desejamos cultivar. As ervas daninhas da ira não são benignas; são nocivas. Envenenam nossa mente e a mente das pessoas que nos cercam.

Quais são algumas ervas daninhas que brotam da fermentação da ira?

Ressentimento é ira guardada no peito. Ela brota no coração da pessoa que foi maltratada e acha que não pode fazer nada a respeito da situação. Um funcionário é injustiçado pelo chefe, mas não ousa enfrentá-lo, e internaliza a ira em forma de ressentimento. Uma esposa talvez reaja da mesma forma em relação ao marido

controlador. Pode ser mais difícil lidar com o ressentimento do que com a ira clara e evidente porque, em muitos casos, a pessoa continua lambendo as feridas e relembrando a injustiça que sofreu.

Amargura é ressentimento que se transformou em rancor contínuo.

Enquanto o ressentimento pode se dissipar com o tempo, a amargura continua a crescer e apodrecer, aumentando o grau de indisposição.

Por deixarmos de lidar com a ira inicial, a amargura é quase sempre uma reação de longo prazo a um erro real ou imaginário.

Um líder interveio numa situação que envolvia uma adolescente de sua igreja. O pai da garota achou que o líder não soube lidar bem com a circunstância. Em vez de tentar resolver a questão, o pai ficou com ira e, por conseguinte, amargurado. Nas palavras do pastor, ele se “consumia em amargura”. O pai disse ao pastor: “Eu perdoei aquele irmão, todavia não quero mais papo com ele.” É evidente que ele não perdoou. O perdão verdadeiro resulta em relacionamento restaurado, e não em rancor permanente.

O homem estava consumido pela amargura, porém seu farisaísmo não lhe permitia enxergar isso. Tudo o que conseguia ver era o erro real ou imaginário cometido pelo líder, e o pai continuou acalentando a amargura.

Como esse episódio ilustra, a amargura é um sentimento frequente na igreja. Alguém é maltratado de alguma forma, ou acha que foi maltratado. Em vez de buscar resolver a questão, a pessoa deixa o ressentimento inflamar e transformar-se em amargura com o passar do tempo. Talvez a pessoa tenha buscado resolver a questão, mas o oponente não quis saber de conversa. Pode ser que tenha procurado um dos líderes da igreja, e este fez pouco caso do assunto, e despediu-a deixando claro que o problema era todo dela. Não importa se a desfeita foi real ou imaginada, a amargura nunca é uma opção bíblica. Podemos ser magoados, e reconhecer que o fomos, sem ficar amargurados.

Certamente a amargura pode acontecer em qualquer relacionamento, mas quase sempre acontece entre pessoas que deveriam se amar. Referi-me à família da igreja. E isso o que somos. Somos irmãos em Cristo. Irmãos e irmãs de famílias biológicas, porém, também ficam amargurados uns com os outros. Um filho ou uma filha talvez ache que os pais gostem mais de outro irmão do que dele, e sua percepção pode estar correta. Entretanto, se o filho é cristão, não deve abrigar esse sentimento a ponto de o rancor ser transformado em amargura. Muitas vezes, irmãos adultos ficam amargurados porque acham que saíram perdendo na divisão da herança da família.

Repetindo, a amargura não é uma opção para quem deseja seguir a Cristo.

Inimizade e hostilidade são palavras praticamente sinônimas e denotam um nível mais elevado de má vontade ou animosidade do que o produzido pela amargura. Enquanto a amargura pode, de certo modo, ser acompanhada de comportamento civilizado, geralmente a inimizade ou a hostilidade se mostra abertamente.

Quase sempre a pessoa faz isso denegrindo o objeto de sua hostilidade.

Além disso, embora a amargura possa ser abrigada no coração, a inimizade ou a hostilidade geralmente espalha seu veneno de modo a atingir outras pessoas.

Ódio (furor contra alguém) é mencionado várias vezes na Bíblia (Gn 27.41;50.15; Lv 19.18; Sl 55.3; Mc 6.19). Entendemos melhor a dimensão da má vontade e da inimizade inferida na palavra ódio quando lemos os dois textos de Gênesis. Em todos os versículos acima citados, a palavra é associada à vingança contra o objeto do ódio. Por exemplo, Esaú passou a odiar Jacó e planejou matá-lo (Gn 27.41). Os irmãos de José tiveram medo que o caçula os odiasse e quisesse se vingar do mal que havia sofrido nas mãos deles (Gn 50.15). Lemos no Novo Testamento que Herodes odiava João Batista e queria matá-lo (Mc 6.19).

É provável que nenhum de nós associe rancor com planos de assassinato.

Muitas vezes, contudo, pensamos em nos vingar de alguém que detestamos.

Não ousamos colocar nossos planos em ação, mas sentimos uma alegria perversa em executá-los em nossa mente. Isso acontece até entre os cristãos

Romanos 12.19-21 Amados, não vos vingueis a vós mesmos, mas dai lugar à ira de Deus, pois está escrito: A vingança é minha; eu retribuirei, diz o Senhor. Pelo contrário, se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer; se tiver sede, dá-lhe de beber; porque, se fizeres isso, amontoarás brasas sobre a cabeça dele. Não te deixes vencer pelo mal, mas vence o mal com o bem.

Discórdia descreve um conflito visível ou confusão entre grupos, geralmente entre facções, e não tanto entre indivíduos. E por isto que falamos em “brigas na igreja” ou “rixas entre famílias”. A discórdia é sempre feia e ultrapassa os limites dos pecados “intocáveis”, e obviamente não é nada sutil.

Apesar disso, eu a incluo porque, muitas vezes, ocorre entre cristãos que se acham perfeitos e que nunca imaginam que suas atitudes ou palavras furiosas contribuem para a discórdia. Na maneira de pensar desses cristãos, a culpa é sempre dos outros.

As descrições dessas “ervas daninhas da ira” não pretendem se igualar às definições dos dicionários, e também não foi minha intenção fazer distinção clara entre elas. A terminologia não é importante aqui. Meu objetivo é que entendamos que a ira guardada no peito, além de ser pecado, é espiritualmente perigosa. Se examinarmos bem essas ervas daninhas, notaremos a intensificação da má vontade e do conflito. A ira nunca é estática. Se não for cortada pela raiz, transforma-se em amargura, hostilidade e vingança. E por isso que Paulo advertiu: “Não se ponha o sol sobre a vossa ira.”

Como, então, lidar com a ira antes que ela produza essas ervas nocivas?

Como cortar o mal pela raiz de modo que o sol não se ponha sobre ele?

Gostaria de apresentar três passos básicos:

1. Temos de levar em conta a soberania de Deus em todas as circunstâncias.

Deus não instiga ninguém a pecar contra nós, mas permite que isso aconteça, e a permissão tem sempre um objetivo — geralmente é para que fiquemos mais parecidos com Cristo. Quando os irmãos de José pecaram de modo tão grave contra ele e o venderam à escravidão, o rapaz não ficou amargurado, e até lhes explicou: “Não fostes vós que me enviastes para cá, mas sim Deus” (Gn 45.8). Sei que José disse isso quando já era a segunda pessoa mais importante do Egito, contudo suas palavras eram verdadeiras desde o dia em que ele foi vendido como escravo pelos irmãos. E, segundo a Bíblia, durante o tempo em que foi escravo na casa de Potifar e ficou na cadeia por um crime que não havia cometido, José nunca se mostrou amargurado. Na verdade, a Bíblia afirma que ele realizou muito bem suas obrigações (certamente esta não é a atitude de alguém amargurado) e que era tão respeitado por Potifar e o carcereiro que os dois lhe delegaram tarefas de grande responsabilidade. Descobri que crer de coração na soberania de Deus é minha primeira defesa contra a tentação de permitir que a ira domine meus pensamentos e emoções. Se quero mesmo lidar com a tentação, preciso lembrar-me de que as atitudes da outra pessoa (ou pessoas) que despertaram minha ira estão sob o controle absoluto de Deus. Embora as atitudes sejam erradas em si, Deus irá usá-las em meu benefício, como José disse aos seus irmãos: “Certamente planejastes o mal contra mim. Porém Deus o transformou em bem” (Gn 50.20). Como já observei, o bem talvez seja a oportunidade de ficarmos mais parecidos com Cristo. Mas pode ser que Deus tenha outros objetivos em mente, como o de nos preparar para tarefas maiores. Talvez nunca saibamos por que Deus permitiu uma situação que fez despertar nossa ira. Importa saber que, por mais difícil que seja a circunstância, e por mais forte que seja a tentação de explodir de ira, Deus tem o nosso bem em vista. Refletir seriamente nesta grande verdade — a soberania de Deus — é meu primeiro passo para desarmar a ira.

2. Em segundo lugar, devemos pedir que Deus nos capacite a crescer em amor. Em I Pedro, uma carta que instiga os leitores a buscarem santidade, mesmo em tempos difíceis, o apóstolo continua enfatizando a importância do amor fraternal — ou seja, do amor entre os cristãos. Por exemplo, Pedro incentiva: “Antes de tudo, tende profundo amor uns para com os outros, porque o amor cobre um grande número de pecados” (4.8).

Pedro está dizendo que o amor nos capacita a ignorar um monte de atitudes erradas das outras pessoas. Se alguém nos esnoba ou envergonha ou aborrece, o amor nos capacita a ignorar tudo isso. Lembre-se de que nós decidimos como reagir ao erro real ou imaginário das outras pessoas. A frase “cortar o mal pela raiz”, que já usei duas vezes neste capítulo, se aplica de modo especial aqui. Embora o amor talvez não “cubra” alguns pecados

significantes contra nós, certamente cobre muitos erros comuns. Quando o esposo mandão volta do trabalho, encontra a casa bagunçada e vê que o jantar ainda não está pronto, ele tem poder de consentir que o amor cubra a situação. De fato, se seguir o caminho do amor, além de ignorar o que lhe desperta a ira, o marido arregaçará as mangas e ajudará a esposa. Ele seguirá o exemplo de Jesus que, mesmo sabendo que era Deus, realizou a tarefa mais servil daquela época — lavou os pés dos discípulos (Jo 13.2-15).

Devemos amar uns aos outros com profundo amor, ou seja, perseguir o amor com diligência. O amor que ignora as ofensas não aparece do nada. É resultado de nossa dependência total do Espírito Santo.

O apóstolo Paulo repete as palavras de Pedro quando escreve: “[O amor] não se enfurece” (I Co 13.5). Essa é uma afirmação sobre a qual todos nós devemos refletir. Você fica com ira facilmente? Alguém consegue arruinar seu dia com um sarcasmo de nada? Ou você, por amor a quem fez o comentário, consegue “cobrir” o sarcasmo? É provável que não haja nada mais corrosivo nos relacionamentos interpessoais do que a língua descontrolada (Tg 3.5-10). No capítulo 19, abordaremos esse assunto do ponto de vista do orador, mas, por enquanto, vamos nos concentrar em nossa resposta às palavras de terceiros.

Existe um velho ditado que afirma: “Paus e pedras podem quebrar meus ossos, mas as palavras não me atingem.” Sabemos que isso não é verdade. Palavras maldosas nos atingem, especialmente se são ditas por alguém chegado a nós. Contudo, nós decidimos se elas irão nos deixar com ira.

Podemos absorver a mágoa como fato real sem ficarmos zangados com a pessoa que nos maltratou. Mas, para isso, temos de amar a pessoa profundamente.

Paulo também afirma: “[O amor] não guarda ressentimento do mal” (I Co 13.5). Você costuma arquivar na mente os erros cometidos contra sua pessoa? Esse é o caminho certo para a amargura. A afirmação: “Perdoei, mas não consigo esquecer” não é verdadeira. Se vivemos lembrando velhas mágoas, coisas que aconteceram há anos ou meses, não perdoamos de verdade. Só estamos alimentando a amargura. Não se enfurecer significa parar de lembrar o erro a nós mesmos ou à outra pessoa. Isso não significa que apagamos o sofrimento de nossas mentes. Não há como fazer tal coisa. Significa que tomamos a decisão de não falar no assunto e nem ficar lambendo as feridas. Também quer dizer que, se a questão surgir em nossa mente, talvez engatilhada por outro incidente, é rejeitada logo de cara.

Não lhe damos a chance de se fortalecer.

3. É preciso aprender a perdoar como Deus nos tem perdoado. O texto bíblico que mais me ajuda a praticar o perdão é a parábola do servo ingrato (Mt 18.21-35). Jesus contou a parábola como resposta à pergunta de Pedro: “Senhor, até quantas vezes deverei perdoar meu irmão que pecar contra mim? Até sete vezes?” (v. 21), que significa perdoar tantas vezes quanto ele pecar, e sabemos bem quantas vezes a pessoa peca contra nós. É a partir disso que Jesus conta a parábola do servo implacável. No entanto, a história não deixa claro quantas vezes temos de perdoar, todavia mostra claramente a base para perdoarmos uns aos outros.

A parábola conta que o servo de um rei lhe devia 10 mil talentos. Um talento valia 6 mil denários. Deixando a matemática de lado, o servo devia o equivalente a duzentos mil anos de salários de um trabalhador comum. Algo entre 36 a 48 bilhões de reais no atual mercado de trabalho. Jesus costumava usar hipérboles para enfatizar um ensino, e foi o que fez aqui. O servo de um rei jamais acumularia tal dívida, mas iremos ver por que Jesus usou uma quantia tão grande de dinheiro.

O servo implorou que o rei tivesse paciência e desse tempo para ele pagar o que devia. Isso era puro sonho do homem. Ele nunca conseguiria pagar tamanha dívida. O rei, então, ficou com pena do servo e perdoou a dívida.

Ao se retirar da presença do rei, o servo encontrou um colega que lhe devia cem denários — quantia que representava quatro meses de trabalho, ou, nas contas de hoje, de 60 a 75 mil reais. O segundo servo também implorou paciência, mas o servo que acabara de ter uma dívida de, no mínimo, 36 bilhões de reais perdoada, se recusou a perdoar e jogou o outro na prisão.

A chave da parábola está na enorme diferença entre as duas dívidas: mais de 36 bilhões de reais contra 75 mil reais. Esta última quantia não é desprezível nem mesmo para nós hoje. Mas para os discípulos que ouviram a parábola diretamente de Jesus, os 75 mil reais causariam mais impacto porque representavam menos meses de trabalho.

A primeira soma de dinheiro representa nossa dívida moral e espiritual com Deus. Embora no relacionamento mestre/servo daquela época os 36 ou 48 bilhões de dólares tenham sido um exemplo exagerado [hipérbole], em nosso relacionamento com Deus a quantia é uma representação acurada de nossa dívida com ele. Não importa o quanto sejamos íntegros e espirituais, nossa dívida com Deus é enorme. O estrago que nossos pecados causam à glória de Deus não é determinado pela severidade do erro, mas pelo valor da glória do Senhor. Se eu derramar tinta escura indelével num tapete que você comprou num brechó qualquer, foi mal. Mas se eu derramar o mesmo tipo de tinta num

tapete persa caríssimo, aí é ruim demais. Por quê? Meu ato é o mesmo e a tinta também é a mesma, porém existe uma enorme diferença entre os preços dos tapetes. O tamanho do estrago não é determinado pelo tamanho das manchas de tinta nos tapetes, e sim pelos respectivos valores de cada um.

É assim que temos de avaliar nosso pecado contra Deus. Cada pecado que cometemos, não importa seu valor aos nossos olhos, é uma agressão à glória infinita de Deus. Mesmo que um tapete custe milhões de reais, a quantia não é nada em comparação ao valor da glória de Deus. Portanto, todos nós estamos representados no servo que devia 10 mil talentos. Jamais conseguiremos pagar nossa dívida com Deus.

Voltemos à parábola. O que aconteceu com os bilhões de reais que o primeiro servo devia? O rei simplesmente esqueceu a história toda? Não houve prejuízo financeiro? Claro que houve. No momento em que o rei perdoou a dívida, seu patrimônio líquido sofreu uma redução de 4 8 bilhões de reais. O rei pagou um alto preço ao perdoar a dívida do servo.

Da mesma forma, Deus pagou um alto preço ao nos perdoar. Custou-lhe a morte de seu Filho. Não há como avaliar o preço dessa morte, contudo Deus o pagou para que fôssemos perdoados da enorme dívida espiritual que tínhamos com ele. A mensagem é clara. A dívida moral dos erros, das palavras infames e das atitudes contra nós, não é nada comparada à nossa dívida com Deus. Não estou diminuindo a seriedade das mágoas ou prejuízos que tenhamos experimentado. Na parábola, os 75 mil reais eram muito mais do que uma “vaquinha” feita no trabalho. Representavam vários meses de salário. E os erros que sofremos podem ter sido mais sérios que um menosprezo qualquer ou uma fofoca maldosa. Podem ter causado grandes prejuízos. Mas, em comparação ao prejuízo que todos nós causamos à glória de Deus, não significam nada.

A base para perdoarmos uns aos outros é, então, a enormidade do perdão que Deus nos ofereceu. Devemos perdoar porque fomos perdoados imensamente. Se não reconhecermos que somos devedores de dez mil talentos a Deus, continuaremos lutando em perdoar aqueles que nos causaram grandes prejuízos ou continuam a nos prejudicar.

No entanto, quando entendermos o quanto devemos a Deus porque continuamos a pecar contra ele, conseguiremos lhe dizer quando formos prejudicados: “Senhor Deus, fui bastante magoado, mas sou o devedor de dez mil talentos. O pecado dessa pessoa não é nada em comparação ao meu pecado contra o senhor. Como o senhor me perdoou, eu perdoou, de coração, essa pessoa.”

Não estou dizendo que uma oração desse tipo, mesmo feita com sinceridade, vai aplacar de imediato nossa ira. A carne não desiste tão facilmente.

Todavia, a atitude revelada na oração oferece-nos uma arma com a qual podemos matar a ira.

Ao concluirmos este segundo capítulo sobre a ira, sei que tanto este quanto o primeiro levantam questões ou objeções. Alguns leitores talvez achem que ignorei assuntos complicados como pais ou cônjuges violentos, ou algumas injustiças prevalecentes em nossa sociedade. Outros talvez pensem: Ele não conhece a minha vida. Se conhecesse, não seria tão bonzinho em suas respostas.

Gostaria de afirmar que o propósito deste estudo não é lidar com as várias questões que desencadeiam nossa ira. E certamente não ensino que sejamos cristãos “capachos”, permitindo que todo mundo nos esmague ou tire proveito de nós.

Há momentos em que temos de defender o que é certo e justo. Contudo, não devemos pecar durante o processo. E é disso que estou falando.

Meu objetivo nestes dois capítulos é que encaremos o fato de que nossa ira é pecado, mesmo que seja resultado das atitudes erradas de outras pessoas.

Ao enfatizar o pecado da ira, não estou menosprezando o pecado dos ofensores.

Entretanto, o antigo provérbio ensina: “Um erro não conserta o outro.” O pecado da outra pessoa não “conserta” ou justifica o nosso pecado da ira.

Ou como Tiago afirmou: “Porque a ira do homem não produz a justiça de Deus” (1.20).

Além disso, acho que muito de nossa ira não é resultado de injustiças ou erros importantes contra nós, mas é uma manifestação de nosso próprio orgulho e egoísmo.

Eu sofro constrangimento, aborrecimento e frustração por causa das atitudes (ou inatividades) de outras pessoas, e fico com ira. Embora existam muitas injustiças que parecem merecer nossa ira, não devemos usá-la como desculpa para encobrir o pecado da ira que, muitas vezes, surge em nossos corações e que, possivelmente, se mostra em nossas palavras ou atitudes.

Mais uma vez, recomendo os três princípios ou práticas que me ajudam muito:

1. Crença firme na soberania de Deus;
2. Busca diligente do amor fraternal que cobre uma multidão de pecados e não mantém uma lista dos erros;
3. Percepção humilde que, em comparação ao pecado do meu irmão contra mim, reconhece o débito de 10 mil talentos a Deus.